

Artigo livre

O que os *bits* nos contam sobre a materialidade dos livros? Dados bibliométricos e análise gráfica de publicações

What Can *Bits* Reveal About the Materiality of Books? Bibliometric Data and Graphic Analysis of Publications

¿Qué pueden revelar los *bits* sobre la materialidad de los libros? Datos bibliométricos y análisis gráfico de publicaciones

Tarcísio Bezerra Martins Filho^I , Helena de Barros Ezequiel^{II} 

^IUniversidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^{II}Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

O artigo analisa a Coleção Feira Miolo(s), composta por doações de expositores da feira homônima desde 2014, a partir dos dados bibliométricos da plataforma de pesquisa da Biblioteca Mário de Andrade (BMA). O corpus de análise contou com as 1.219 entradas catalogadas no setor de Obras Raras e Periódicos cadastradas até o momento da investigação. Partiu-se da hipótese de que seria possível extrair informações sobre a materialidade gráfica dos impressos a partir dos registros disponíveis no sistema de catalogação da BMA. Após o processo de extração e normatização dos dados, foi realizada uma análise quantitativa que evidenciou aspectos como formatos, tiragem, tecnologias de impressão e presença de ilustrações nas publicações. Dentre os resultados observados, destaca-se: a quantidade de trabalhos sem o registro ISBN, a preferência por formatos mais tradicionais e a impressão em baixa tiragem. Ademais, como consideração, observou-se o papel fundamental dos bibliotecários na descrição detalhada das obras, o que possibilitou o acesso a dados sobre design e materialidade dos livros. Além dos resultados encontrados, o procedimento adotado também se constitui como uma contribuição metodológica para o uso de dados bibliométricos em pesquisas sobre análise e memória gráfica.

Palavras-chave: Design do livro; Memória Gráfica; Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo; Feira Miolo(s).

ABSTRACT

This article analyzes the Miolo(s) Fair Collection, comprised of donations from exhibitors at the fair of the same name since 2014, based on bibliometric data from the Mário de Andrade Library (BMA) research

platform. The corpus analyzed included 1,219 entries cataloged in the Rare Works and Periodicals section registered at the time of the investigation. The assumption was that it would be possible to extract information about the graphic materiality of the printed materials from the records available in the BMA cataloging system. After the data degradation and standardization process, a quantitative analysis was performed to highlight aspects such as formats, circulation, printing technologies, and the presence of illustrations in the publications. Among the results presented, the following stand out: the number of works without ISBN registration, the preference for more traditional formats, and low-run printing. Furthermore, as an observation, the fundamental role of librarians in the detailed description of the works was noted, which enabled access to data on the design and materiality of the books. In addition to the results found, the proposed procedure also constitutes a methodological contribution to the use of bibliometric data in research on analysis and graphic memory.

Keywords: Book design; Graphic memory; Mário de Andrade Library; São Paulo; Miolo(s) Fair.

RESUMEN

Este artículo analiza la Colección de la Feria Miolo(s), compuesta por donaciones de expositores de la feria homónima desde 2014, con base en datos bibliométricos de la plataforma de investigación de la Biblioteca Mário de Andrade (BMA). El corpus analizado incluyó 1219 entradas catalogadas en la sección de Obras Raras y Publicaciones Periódicas registradas al momento de la investigación. Se asumió que sería posible extraer información sobre la materialidad gráfica de los materiales impresos a partir de los registros disponibles en el sistema de catalogación de la BMA. Tras el proceso de degradación y estandarización de datos, se realizó un análisis cuantitativo para destacar aspectos como formatos, circulación, tecnologías de impresión y presencia de ilustraciones en las publicaciones. Entre los resultados presentados, destacan: el número de obras sin registro ISBN, la preferencia por formatos más tradicionales y la impresión de tiradas cortas. Además, como observación, se observó el papel fundamental de los bibliotecarios en la descripción detallada de las obras, lo que permitió el acceso a datos sobre el diseño y la materialidad de los libros. Además de los resultados encontrados, el procedimiento propuesto también constituye un aporte metodológico al uso de datos bibliométricos en investigaciones sobre análisis y memoria gráfica.

Palavras chaves: Diseño editorial; Memoria gráfica; Biblioteca Mário de Andrade; São Paulo; Feria Miolo(s).

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca refletir acerca do uso de dados bibliométricos em pesquisas de análise de gráfica de publicações sob um viés do design e da memória gráfica. Esta investigação tem como recorte os resultados da análise bibliométrica descritiva das publicações que fazem parte do marcador “Coleção Feira Miolo(s)” na Biblioteca Mário de Andrade (BMA) em São Paulo. No período da pesquisa (junho de 2023), foram

encontradas 1219 entradas na Biblioteca de Obras Raras e Periódicos da BMA, que se constituiu como *corpus* de análise. Uma pesquisa de acervos impressos sob a ótica do design tende, em maior medida, a revelar as relações dos aspectos compositivos e produtivos a partir da avaliação dos impressos enquanto objetos, ou seja, a partir de sua tangibilidade. O que podem, então, os dados da busca indexada acrescentar à discussão de cultura material? Dentre essa relação, a biblioteconomia e o design parecem convergir a uma mesma síntese: reconhecer na produção editorial impressa um aspecto que descola, mesmo que momentaneamente, o objeto gráfico da sua literatura.

Em *A biblioteca à noite*, Alberto Manguel (2006) aventura-se na atividade de ordenação dos livros de sua biblioteca particular. Percebe que “de vez em quando” a ordem deixa de satisfazê-lo e passa a constantemente reorganizar as estantes e prateleiras seguindo modelos próprios, sob a constatação que toda ordenação é arbitrária. O ensaísta argentino revela que “tão logo é criada, uma categoria sugere ou impõe outra, de tal forma que nenhum método de catalogação, em estantes ou folhas de papel, é fechado em si mesmo” (Manguel, 2006, p. 41). Diante de uma mudança e da atividade de organizar seu acervo, se depara com a situação nada fácil de dar ordem aos livros, uma diligência que duraria semanas e muitas horas de trabalho árduo e meticuloso, por vezes desfeita pela ação das escolhas em si. Walter Benjamin (1987, p. 234), em “Desempacotando minha biblioteca”, revela o mesmo embaraço: “nada poderia realçar mais a operação de desempacotar do que a dificuldade de concluí-la”. Afinal, como ocorre com os dois intelectuais, arrumar livros nas estantes é uma atividade reveladora e, no final das contas, os livros parecem ter seu próprio destino.

Mais ainda nos grandes acervos, a classificação e a ordenação é uma imperiosa necessidade. Como pode se prestar uma biblioteca a ser consultada sem que seu catálogo esteja sistematizado? Logo, constata-se que, por trás de uma biblioteca, deve haver um bibliotecário. Esse profissional, como por vezes ocorre no meio editorial, labuta de modo quase invisível diante da realização e da circulação da obra. Contudo,

esta é uma função essencial que envolve mais do que a organização e a manutenção de um acervo. O bibliotecário, conforme assegura Michel Melot (2019), possui uma sabedoria bastante particular, que envolve práticas como saber ler os livros “sem abri-los”. Sua avaliação rigorosa, aponta o autor, se detalha nas capas, nas orelhas e na lombada. Só então, aprecia a página de rosto e o que chama de “autoridades” – autores, editores, revisores, designers... Segue fiel ao colofão, um aliado da sua avaliação, e registra datas, formatos e número de páginas. Atém-se ao sumário e aos outros paratextos: bibliografia, índices e ilustrações. Por fim, faz considerações acerca da “robustez e a qualidade do papel, da formatação das páginas e da impressão. E é tudo.” (Melot, 2019, p. 15).

O bibliotecário invoca o absurdo de retalhar o conhecimento, ainda que com a generosa intenção de “entregar tudo à leitura”: “em seu tranquilo retiro, o bibliotecário também enfrenta seus combates. Imprescindível no ecletismo de suas escolhas, podem ser desmascarados nos seus métodos de indexação” (Melot, 2019, p. 32). Alberto Manguel (2006, p. 45) complementa a discussão e revela que, ao final das contas, “o conteúdo dos livros parece importar aos organizadores menos do que a singularidade do assunto em que são catalogados, a tal ponto que a biblioteca se transforma numa coleção de antologias temáticas”. O bibliotecário registra dados em entradas indexadas, que fazem parte de uma política de indexação de uma biblioteca. Essas entradas não são apenas elementos presentes nas fichas catalográficas, elas extrapolam a consulta do leitor comum. Detalhes fundamentais acerca da obra podem ser descobertas pelo acesso aos registros de indexação de um acervo. Essa condição atenta do bibliotecário possui um importante papel na conservação da obra e permite ao pesquisador um acesso a dados imprescindíveis ao exame detalhado de livros.

Contudo, a ordenação é também o efeito de uma autoridade, a imposição de uma perspectiva sob outras: “sempre que entro em uma biblioteca o que mais me impressiona é a forma pela qual uma certa visão de mundo é imposta ao leitor por meio de sua ordem e suas categorias” (Manguel, 2006, p. 48). Sob aparente impessoalidade

e objetividade, os métodos de classificação são também construções sociais, que impõem uma geopolítica. Walter Benjamin (1987) chama de presunção a aparente objetividade e o realismo das peças ou divisões mais importantes de uma biblioteca. O filósofo observa que, na prática, impera a relação dialética entre ordem e caos na organização de um acervo.

O devido conhecimento do livro – ou a “sabedoria do bibliotecário” – está em apreciar o livro enquanto objeto, em sua tangibilidade, em sua estrutura material, em entendê-lo independente da literatura: “soubessem os autores disso, fariam livros falsos apenas para as bibliotecas” (Melot, 2019, p. 15). A ordenação é sempre incompleta, porque pode sempre ser revista, nunca é definitiva. O que dizer dos livros que parecem pertencer a mais de uma seção? Ou das autoridades que acolhem pseudônimos ou muitos sobrenomes estrangeiros? A objetividade é uma lente estranha, que se faz necessária, ainda que, verdadeiramente, não exista.

2. A BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE E A COLEÇÃO FEIRA MIOLO(S)

A Biblioteca Mário de Andrade foi fundada em 1925 e é hoje a segunda maior do país. Nela, encontra-se catalogado, sob o marcador “Coleção Feira Miolo(s)”, publicações que indiciam as características gráfico-editoriais de parte considerável da produção independente contemporânea brasileira. As publicações da Feira Miolo(s) são direcionadas para diferentes setores, mas há uma preferência pelo setor de Obras Raras e Periódicos. Isso ocorre tendo em vista a particularidade de algumas das publicações na coleção, em especial no que tange a seus aspectos artesanais e de baixa tiragem. Embora não estejam necessariamente catalogados juntos (ou em uma mesma prateleira), a indexação na BMA incorporou o indicador “Coleção Feira Miolo(s)” a essas obras, o que permitiu a fácil localização dessas publicações para fins de pesquisa no sistema eletrônico de busca.

A coleção tem origem nas doações realizadas pelos expositores da Feira Miolo(s) ao longo de suas edições. A primeira edição ocorreu no dia 1º de novembro de 2014,

das 10h às 18h na BMA, em São Paulo, fruto da articulação da Editora Lote 42 com a Biblioteca. A Feira Miolo(s) é um evento literário dedicado à publicação independente e às artes gráficas que reúne editores, autores, designers e coletivos que produzem livros, zines, revistas e outros materiais impressos de maneira artesanal ou em pequena tiragem. Dentre seus objetivos está o de promover a diversidade editorial (bibliodiversidade) por meio de projetos independentes.

Para além do aspecto comercial, a feira promove um espaço de troca de experiências entre os participantes e o público por meio da construção de um campo coletivo, celebrando a feira como um espaço de troca. Nesse sentido, a Miolo(s) procura evidenciar seu capital simbólico a partir da relação entre seus pares: em síntese, ela agencia “um momento de visibilidade e sociabilidade dos pequenos editores e de sua produção” (Mattar; Braga, 2019, p. 103).

Nicólas Pradilla (2021) aponta que as feiras de publicações independente apostam em uma urgência de criação de “espaços de encontro e dissenso que não estejam mediados por lógicas de mercado” e que isso “implica ocupar esses espaços; não só fisicamente, mas também [...] ocupar a forma como se fala, se ensina e se aprende nestes espaços” (Pradilla, 2021, p. 21). Essa proposta é percebida também pelos visitantes, o que pode ser evidenciado pela reação de Rachel Gotinjo, uma das interlocutoras da pesquisa “Entre, a maneira de, junto a publicadores...”:

As feiras não solucionam, não estão aí para solucionar problemas de distribuição dos editores, estão para fortificar o diálogo entre os fazedores, catalisar outras movimentações. E essas movimentações não são de mercados tradicionais. Temos que começar a pensar ao contrário, não habitar o mercado existente, desconstruir, pensar constantemente... Não formar um novo mercado, mas dialogar continuamente uma forma de trabalharmos juntos. Não existe uma questão de competição. As feiras não são centros de poder, e a parceria qualitativa é uma das suas funções. Sabemos a luta que é. Precisamos humanizar. (Grigolin; Ayerbe, 2016, p. 61)

A composição dos expositores é ampla e privilegia diferentes formatos de publicações. Quando a pesquisadora Mélodi Ferrari (2023) indaga os editores da Lote 42 acerca da nomenclatura “feira de artes gráficas” ou “feira de arte impressa” ou

“feira de publicação de artista”, Cecília Arbolave, uma das criadoras do evento, evita se comprometer com uma ou outra terminologia, compreendendo que a discussão é ampla e que admite diferentes abordagens, mas assume que todas são publicações independentes que abarcam diferentes gêneros e possibilidades desde poesia, quadrinhos, fotografia ou artes gráficas: “eu acho que a Miolo(s) sempre foi muito diversa nessa seleção, pensando também que estamos numa biblioteca. É uma feira que abraça essas diferentes expressões impressas” (Ferrari, 2023, p. 113). A participação dos expositores na feira é gratuita. Contudo, é pedida aos participantes, como contrapartida, a doação de uma ou mais publicações para o acervo da Biblioteca. A iniciativa teve início desde a primeira edição da Feira Miolo(s) e possibilitou a construção desse acervo.

Foi a existência desse fundo, um acervo de doações indexadas entre 2014 e 2023, que tornou este trabalho possível. Através dos dados catalogados pelos profissionais da BMA, foi possível conhecer melhor algumas das características que fazem parte desse recorte e produzir essa reflexão acerca dos dados bibliométricos e a produção gráfico-editorial da Feira Miolo(s).

3 ESTRUTURAÇÃO DA BASE DE DADOS: A COLEÇÃO FEIRA MIOLO(S) DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

A base de dados indexada é facilmente acessada pela internet, onde é possível selecionar somente as entradas referentes à Coleção Feira Miolo(s). Vale ainda salientar que as informações contidas na catalogação das obras do setor de Obras Raras e Periódicos tendem a possuir mais entradas do que aquelas que fazem parte de outros setores, o que permitiu analisar dados mais específicos sobre as obras. A busca indexada produziu um resultado com 1219 publicações (ver Figura 1). É importante ressaltar que a consulta foi realizada em junho de 2023, de tal modo que, com o passar de novas edições da feira, novas entradas passaram a compor a coleção.

Figura 1 – Imagem da interface da pesquisa avançada da base de dados do setor de Obras Raras e Periódicos da Biblioteca Mário de Andrade

A interface de pesquisa avançada da Biblioteca Mário de Andrade apresenta um layout organizado em seções. No topo, há uma barra de navegação com o título "Pesquisa Avançada" e opções de filtro: "Todas", "SMC" e "BMA" (selecionada). À esquerda, um menu lateral oferece acesso ao "Catálogo Autoridade", "Últimas aquisições" e "Histórico". O formulário principal contém campos para busca por texto livre, com opções de "Todos os campos:" e "e" (e/ou). Abaixo, há campos para "Ano:" e "Até:", um menu de "Ordenar por:" (Relevância), um menu de "Tipo de Material:" (Todos), um menu de "Coleção:" (Coleção Feira Miolo(s)), um campo para "Seção" e um menu de "Biblioteca:" (Selecione). No rodapé do formulário, há botões para "Pesquisar" e "Limpar".

Fonte: desenvolvido pelo autor conforme imagem da tela de pesquisa do *site* da BMA. Disponível em <http://bibliotecacircula.prefeitura.sp.gov.br/PesquisaRarosePeriodicos/>. Acesso em 03 Mar. 2024

Conforme Amy Brand, Frank Daly e Barbara Meyers (2003) exploram, esses dados tornam-se, nos processos de catalogação, metadados. São a rigor, dados sobre dados inseridos em estruturas para fins de automação de processos.

Metadados no ciclo de publicação e comunicação não são novos. O que é relativamente novo para a comunidade editorial em geral, e crucial para a interoperabilidade na era digital, é a padronização. Este é o processo de construir consenso em torno das melhores práticas na formatação e uso de metadados para aplicações específicas, para que as máquinas possam interpretar e trocar essas informações de forma eficiente. (Brand; Daly; Meyers, 2003, p. 2, em tradução nossa)

No campo da edição, temos, como exemplo, o *Dublin Core Metadata Iniciativa* (DCMI), que foi institucionalizado como padrão internacional a partir da ISO 15836 de 2003. Ele, por sua vez, foi incorporado no padrão MARC21 (do inglês, *Machine-Readable Cataloging*. Em português: Catalogação Legível por Máquina), amplamente utilizado pelas bibliotecas, incluindo a Biblioteca Mário de Andrade. Ainda a partir de Brand, Daly e Meyers (2003), os padrões catalográficos são estabelecidos para representar e transmitir informações bibliográficas e correlatas em formato que possa ser acessado por computadores; são, portanto, diretrizes desenvolvidas para

facilitar a troca de informações bibliográficas e relacionadas entre sistemas diversos. Amplamente utilizados em várias situações de intercâmbio e processamento, esses padrões não ditam um formato específico de armazenamento ou apresentação para cada sistema individual. Em realidade, seu propósito é incorporar os diferentes códigos de catalogação utilizados na comunidade bibliotecária, além de satisfazer os requisitos dos arquivos.

Através do acesso à plataforma de busca, é possível baixar as informações referentes a cada obra catalogada com o indicador Feira Miolo(s) pela formatação da catalogação (MARC21). A escolha por essa opção se deu porque nela encontramos mais entradas do que a consulta avulsa. A busca exploratória já havia demonstrado que a classe de dados incluiria também informações que poderíamos utilizar para pensar o design dos livros, em especial a tiragem, o tamanho e indicações acerca dos acabamentos gráficos utilizados. Por se tratar de um conjunto de dados muito extenso, cuja dimensão impedia o seu *download* de forma total, optamos por buscar a ajuda de um profissional especializado em mineração de dados. Esse especialista foi responsável pela extração de todos os registros do banco de dados da Biblioteca, especificamente a partir do indicador Coleção Feira Miolo(s) do setor de Obras Raras e Periódicos.

Os dados foram, portanto, formatados em uma tabela complexa. Imediatamente após a compilação, realizou-se o processo de normatização das entradas, passo necessário para a devida tabulação de grandes volumes. Esta forma de abordagem tornou os dados mais organizados – portanto, mais visualizáveis – e, como tal, mais fáceis de analisar posteriormente. Esse tratamento dos dados na planilha é um processo manual que, apesar de lento, foi enriquecedor em termos de conhecer os critérios da política de indexação da Biblioteca Mário de Andrade, bem como perceber alguns padrões no registro feito pelos profissionais da Instituição (ver Figura 2).

Figura 2 – Imagem que ilustra o processo de conversão dos dados na formatação de catalogação para planilha. Cada linha representa uma obra e cada coluna é uma entrada diferente a partir dos dados brutos

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X
	OBRAS	001	003	005	006	007	008	020	022	040	041	044	080	082	090	093	100	110	240	245	246	250	260	300
1	Geografia	411257 brspbma	2,11E+11				210902520	a 9788563824165	a BR-SpE	a por	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Barone, Beth [d 1960-] e Fo	a Geografia dos sonhos [c Ber	a São Pa	a [36] p.				
2	Itá	411258 brspbma	2,11E+11				210902520	a 9788563824141	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Kaeru, Iezu [d 1981-] e Fot	a Itá [c Iezu Kaeru	a Recife	a [88] p.				
3	A sola dos	411261 brspbma	2,11E+11				210902520	a 97885636612564	a BR-SpE	a	a	a	a 809.15	a BMA/rkk			a Macedo, Tristão [d 1959-] e	a A sola dos pés respira melh	a Belo H	a [46] p.				
4	Luciara	411265 brspbma	2,11E+11				210902520	a 9788569557293	a BR-SpE	a	a	a *	a 779.24	a BMA/rkk			a Carneiro, Henrique [d 1991-	a Luciara [c Henrique Carneir	a São Pa	a [136] p.				
5	Terminal	411269 brspbma	2,11E+11				210909520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Casemiro, Vitor [e Autor	a Terminal central [c Vitor Ca	a [5-11] l	a 1 f. dobra				
6	Marrocos	411270 brspbma	2,11E+11				210909520	a 9788592286606	a BR-SpE	a por	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk			a Gringo Coletivo [c Gringo Coletiv	a Marrocos [c Gringo Coletiv	a São Pa	a [100] p.			
7	[Desvirtu	411273 brspbma	2,11E+11				210909520	a 9788599728734	a BR-SpE	a	a	a	a 869.15	a BMA/rkk			a Melo, Wellington [d 1976-	a [Desvii] [a [Desvirtual provi	a Bauri	a [82-14] p.				
8	O caçador	411275 brspbma	2,11E+11				210909520	a 9788567947006	a BR-SpE	a	a	a	a 869.15	a BMA/rkk			a Melo, Wellington [d 1976-	a O caçador de mar [a 16. ed.	a Recife	a [47] [5] p.				
9	El lado sal	411277 brspbma	2,11E+11				210914520	a 9788585959507	a BR-SpE	a spa	a	a *	221	a c	a BMA/rkk		a Esquivel, Gloria Susana [d 1	a El lado salvaje [b conversac	a Bogot	a [32] p.				
10	Insomnio	411280 brspbma	2,11E+11				210914520	a 9788585959521	a BR-SpE	a	a	a *	a co861.	a BMA/rkk			a Esguerra, Camila [d 1996-	a Insomni(s) [c textos Camil	a Bogot	a [204] p.				
11	A girafa B	411281 brspbma	2,11E+11				210914520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Gil, Gabriela [e Autor	a A girafa Belka [c Gabriela Gi	a São Pa	a [12] p.				
12	Princesa a	411282 brspbma	2,11E+11				210914520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Souza, Ricardo J. [e Autor	a Princesa astronauta fantas	a São Pa	a [35] [1] p.				
13	Old Boy f	411283 brspbma	2,11E+11				210914520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Antunes, Patrick [e Autor	a Old Boy fanzine, volume #1	a São Pa	a [20] p.				
14	Assassino	411291 brspbma	2,11E+11				210919520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Vermelho, Fábio [d 1991-	a Assass [a Ugrito # 20 : Assa	a São Pa	a [16] p.				
15	Lombr	411292 brspbma	2,11E+11				210919520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Lovelove6 [d 1989-] e Auto	a Lombr [a Ugrito # 19 : Lom	a São Pa	a [16] p.				
16	Brasil.exe	-1 brspbma	2,11E+11				210919520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Okuyama, Rodrigo [e Autor	a Brasil [a Ugrito # 18 : Brasi	a São Pa	a [16] p.				
17	Lume	-1 brspbma	2,11E+11				210914520	a 9788568923559	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Nasser, Luiza [e Autor	a Lume [c Luiza Nasser	a São Pa	a [66] p.				
18	Próxima p	411296 brspbma	2,11E+11				210916520	a 9788568923558	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk			a Próxima página, volume 1	a Pelota	a [44] p.				
19	Pequeno p	411302 brspbma	2,11E+11				210916520	a 9788568923558	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Reginato, Gustavo [d séc. 2	a Pequeno manual do empoc	a Florian	a [12] p.				
20	Uma histó	411305 brspbma	2,2E+11				210916520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 0	a BMA/rkk		a Cadór, Amir Brito [d 1976-	a Uma história da leitura [c A	a Belo H	a [72] p.				
21	Specimen	411306 brspbma	2,11E+11				210916520159999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Cadór, Amir Brito [d 1976-	a Specimen book [a 2. ed.	a Belo H	a [16] p.				
22	50 caracte	411307 brspbma	2,11E+11				210916520129999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Cadór, Amir Brito [d 1976-	a 50 cara [a Cinquenta caract	a Belo H	a 1 f. dobra				
23	Memória	-1 brspbma	2,11E+11				210916520199999	a 9788592286606	a BR-SpE	a	a	a *	221	a 7	a BMA/rkk		a Clingert, Circe [d 1988-] e A	a Memória [c [Circe Clingert]	a Belo H	a [45] f.				
24	Aparte:	411313 brspbma	2,11E+11				210916520	a 9788566283129	a BR-SpE	a	a	a	a 869.45	a BMA/rkk			a Oliveira, Antonio [e Autor	a Aparte: [c Antonio Oliveira,	a Belo H	a [107, [1] p.				

Fonte: desenvolvido pelo autor a partir de imagem da tela do software Microsoft Excel

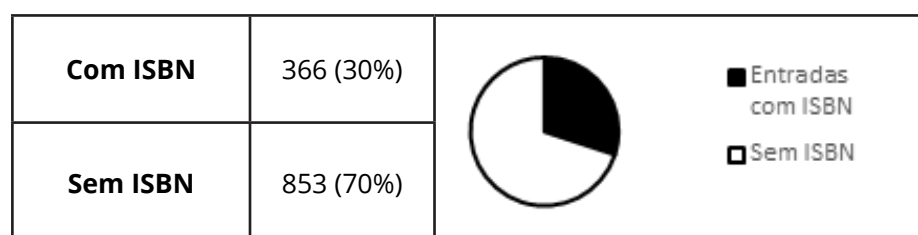
Em síntese, o desenvolvimento de uma planilha estruturada baseada em prefixos de catalogação não tratou apenas de questões imediatas relacionadas à conversão de dados, mas estabeleceu uma estrutura coerente que permite investigações ou esforços de pesquisa a partir de bases sólidas. O procedimento possibilitou validar a hipótese preliminar, observada na fase exploratória dos dados: as obras catalogadas no setor de Obras Raras e Periódicos possuíam informações adicionais, como detalhes presentes no colofão das publicações, para além daquelas que constavam na ficha catalográfica, que poderiam servir de base para uma investigação gráfica.

4 O QUE OS *BITS* NOS CONTAM?

Em primeiro lugar, os dados bibliométricos da BMA nos ensinam a fazer uma discussão acerca da cultura da impressão: os impressos são livros, mas não só livros. A primeira informação que consideramos relevante é a presença de poucas publicações com o devido registro formal (ISBN). Conforme aponta o Quadro 1, somente 366 das 1219 entradas possuem essa informação (30%). O restante não possui nenhum número relacionado. Isso pode ocorrer por diversas razões, desde a omissão da

informação por parte do bibliotecário – possível, mas improvável, já que se trata de uma das informações mais fundamentais, que está disponível em ficha catalográfica ou no código de barras – ou, o que é mais provável, pela natureza efêmera da publicação. Muitas das obras doadas fazem parte dos grupos de zines, livros de artistas, cartazes etc. Nesses casos, é bastante incomum – embora não seja uma regra – se fazer o registro da publicação. De modo geral, conforme Ellen Lupton (2011) sugere, o ISBN é necessário, em especial quando há um interesse em distribuição (pelas vias tradicionais) da publicação, em especial livrarias e lojas. Tratando-se de produções independentes, esse procedimento de mercado deixa de ser realizado, conforme os dados apresentados sugerem.

Quadro 1 – Entradas com e sem registro ISBN na “Coleção Feira Miolo(s)” (BMA)



Fonte: desenvolvido pelo autor

Vale ressaltar que a cultura da impressão não abarca somente os estudos do livro, mas também daqueles que, na literatura em design, chamam-se de impressos efêmeros. Esses artefatos, caracterizados pela sua curta vida útil, são costumeiramente descartados tão logo cumprem seu uso. Os efêmeros são, a partir da pesquisadora Edna Cunha Lima (1998, p. 7), “impressos humildes” – tais como cartazes, embalagens, rótulos, circulares, cardápios, impressos publicitários etc. – que “se caracterizam por serem abundantes na época em que são impressos, desaparecendo logo a seguir, após serem jogados fora”. Em acréscimo, a pesquisadora em história do design Helena de Barros (2018, p. 18) lista exemplos de efêmeros e conclui que a variedade é tão ampla, que é mais fácil elencar o que não deve ser essencialmente incorporado à categoria – os livros. O historiador do design Michael Twyman (2008) provoca-nos a pensar que

as fronteiras entre livro e efêmeros têm se tornado cada vez mais turvas, e acrescenta que a principal distinção entre eles está antes na quantidade de esforços para dar conta de um, em contraste com o desinteresse pelo outro. Ainda pondera que só por “mero acaso” alguns desses efêmeros sobreviveram ao passar do tempo e que a análise gráfica desses artefatos demonstrou o potencial para investigação no Design, tendo em vista que eles tendem a apresentar maior experimentação de linguagens e técnicas quando comparados aos livros tradicionais. É nesse amplo contexto – entre livros e efêmeros – que encontramos uma cultura da impressão expressa nas publicações experimentais do circuito de publicações independentes.

Outro aspecto do design que os dados bibliométricos apontam diz respeito aos aspectos compositivos da obra, em especial, pela presença de ilustrações. Essa é uma prática que precede o uso da fotocomposição no processo de pré-impressão, na primeira metade do século XX. Prevalecia, e, portanto, trata-se de uma prática herdada dessas práticas da impressão, a separação de matrizes de textos, em especial a partir da impressão tipográfica, e de ilustrações, que poderiam ser feitas (a depender de fatores históricos e produtivos) em sistemas como a xilogravura, calcografia ou litografia. As impressões em com base na fotocomposição e digitais consistem na maioria das publicações do *cópus* de análise na BMA e admitem a reprodução de texto e imagem simultaneamente.

Do total de entradas, 1046 foram cadastradas como ilustradas (85,8%), o que faz coro à suposição de que há maior interesse no uso de imagens na composição para esse tipo de obra e no uso de tecnologias de impressão contemporâneas. Desse total, 418 (39,9%) publicações explicitamente informam que se trata de imagens coloridas e 193 (18,4%) informam se tratar de imagens em preto e branco. A maior parte das entradas não fazem distinção entre a presença ou não de cor, apenas registram a presença de imagens.

Já acerca de dados referentes ao tamanho e formato das publicações, observamos que todas as entradas marcaram pelo menos uma informação referente à mensuração,

seja largura seja altura. É preciso, no entanto, explicar alguns procedimentos adotados: encontramos uma inconsistência ao longo dos resultados, enquanto comparava-se os dados apresentados com aqueles disponíveis em outros meios. Notou-se que, por vezes, os bibliotecários fizeram uso da marcação no formato largura por altura (isto é, $l \times h$ cm), como é de praxe fazer no meio gráfico; em outros casos, a altura precedeu à largura (isto é, $h \times l$ cm), como ocorre no meio das Artes. Uma vez que não estava evidente qual fora o formato utilizado, não foi possível creditar essas informações com base nos dados registrados pela Biblioteca. Assim, resolvemos desconsiderar a ordem e apenas avaliamos a relação de proporção entre as duas medidas. Obtivemos, portanto, dados de 767 das 1219 entradas (63%), que apresentavam um único valor (largura ou altura); enquanto 452 das 1219 entradas (37%) possuíam os dois dados referentes ao tamanho.

Partindo dessa base representativa (37%), foi possível analisar e perceber alguns destaques para publicações de tamanhos pouco usuais, que fogem àquilo que a indústria do livro entende como os melhores tamanhos para aproveitamento de papel gráfico. Os resultados apontam que prevalecem os formatos retangulares, independente da orientação (paisagem ou retrato), contudo, merece destaque o quantitativo do formato quadrado, sendo encontrado em 113 dos 452 marcadores (25%).

A seguir, na Tabela 1, mapeamos os formatos e os classificamos conforme a proporção calculada a partir da razão entre a maior e a menor unidade de mensuração disponível (largura e altura). Os valores menores que 1,3 são nomeados de quadrados, o que inclui os valores referentes aos quadrados geométrico, com iguais proporções na largura e altura, e os quadrados ópticos, cuja proporção é levemente maior para uma das medidas, sem que opticamente o livro deixe de ser compreendido como um quadrado. Já os valores entre 1,3 e 1,7 assemelham-se às proporções encontradas na maioria dos livros industriais e fazem parte da mesma proporção das folhas gráficas; elas são, portanto, chamadas de “retângulos convencionais”. Em Emanuel Araújo (Araújo, 2008, p. 387), esse formato é chamado de “francês” (restrita à orientação

retrato), contudo, resolvemos adotar a nomenclatura “retângulos convencionais” para incluir também a orientação em paisagem.

Tabela 1 – Representação gráfica das proporções de diferentes tamanhos conforme os dados examinados e sistematização das relações de proporções com as entradas que possuem largura e altura na “Coleção Feira Miolo(s)” (BMA)

 Quadrado perfeito e quadrado óptico $< 1,3$		197 (44%)
 Retângulos convencionais $\geq 1,3 - < 1,7$		214 (47%)
 Retângulos alongados $\geq 1,7 - < 2$		19 (4%)
 Retângulos exagerados ≥ 2		22 (5%)

Fonte: desenvolvido pelo autor

Sobre essa proporção, Robert Bringhurst (2005), no capítulo “Dando forma à página” de sua obra, faz uso de proporções derivadas de diferentes possibilidades matemáticas (proporções orgânicas, mecânicas e musicais) para o estudo da relação da página com o bloco de texto. A proporção da folha na família A, estabelecida no padrão ISO 216:1975 e atualizada no ISO 216:2007, é de 1,41; já a proporção da folha da família B, presente no mesmo padrão internacional e amplamente usada no mercado gráfico, é de 1,45, ambas, portanto, dentro da expectativa da categoria proposta. Assim, as proporções que se encaixam dentro desse tipo de retângulo fazem parte do formato historicamente constituído do livro, considerado hoje a partir da sua

relação industrial de aproveitamento de papel. Já os valores de proporção entre 1,7 e 2 apresentam versões alongadas desses retângulos, valorizando a horizontalidade (oblongos) ou a verticalidade (estreitos) da orientação da página; são, por si sós, formatos diferenciados e não tão comuns quanto os demais. Há ainda os casos que chamamos de retângulos exagerados, que são oblongos ou estreitos em medidas extremas, superiores à proporção 2.

Jan Tschischold (2007), no seu *A Forma do Livro*, especifica dez erros comuns na produção dos livros. O primeiro deles, certamente o que o tipógrafo mais rejeita, diz respeito à proporção dos formatos. Salvo os formatos dos retângulos convencionais – o que inclui os tradicionais 3:4 (*in-quarto*), 2:3 e Seção Áurea –, os demais, que fogem à relação da razão que propomos (1,3 a 1,6), são considerados pelo tipógrafo alemão como “formatos desviantes”. E acrescenta: “o miolo de livros largos demais – livros quadrados sobretudo – deixam cair a dianteira. Não é fácil pôr na estante ou mesmo armazenar livros que medem mais de 25 cm (9 $\frac{7}{8}$ pol.) de largura” (Tschichold, 2007, p. 213). Dessa forma, a tabela também apresenta a relação de proporção frente aos dados apresentados nas 452 publicações da BMA, em que enfatizamos que a maioria das publicações se enquadram dentro da expectativa dos “retângulos convencionais” (47%). Já os demais casos (quadrados e retângulos alongados/exagerados), quando somados, apresentam, por pequena diferença, maior proporção (53%).

A tiragem é outro marcador que a análise dos dados disponíveis na Biblioteca Mário de Andrade nos permite avaliar. A quantidade de reproduções pode propor indicativos para compreender as relações entre o efeito da distribuição e da circulação em relação às especificações técnicas de produção, característica do experimentalismo gráfico de algumas dessas publicações. A informação acerca da tiragem tende a constar no colofão. Não é um elemento obrigatório e, de certo, inexistente na maioria das publicações.

A relação entre a pequena e a grande tiragem está relacionada tanto à capacidade comercial da editora e da obra no processo de circulação, mas, também,

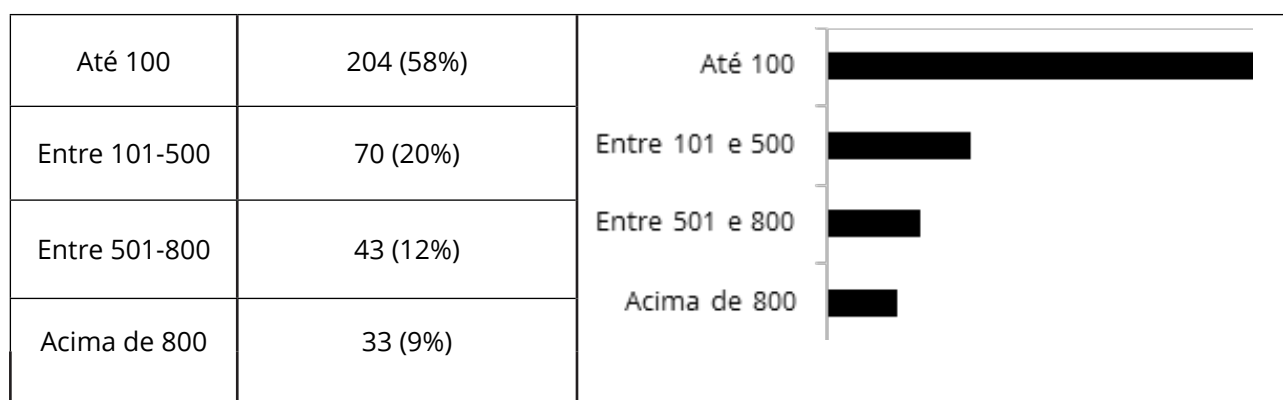
às escolhas do editor em relação às tecnologias de impressão adotadas para o produto gráfico. Em *O Gráfico Amador*, Guilherme Cunha Lima (2014) reflete sobre a tiragem das publicações do coletivo pernambucano. O autor aponta que a grande maioria dos livros publicados tiveram, como características, uma tiragem pequena “de no máximo 120 exemplares” (Lima, 2014, p. 69). As duas exceções, no caso pernambucano, são as publicações *O burro de ouro*, de Gastão de Holanda, e *O casamento suspeito*, de Ariano Suassuna, que fugiram à regra e apresentaram edições de 1.500 cópias. É por essa razão que Carlos Drummond de Andrade (1955), na década de 1950, refere-se a esses publicadores como “editores de tiragem mínima”. De certo, a tiragem é um fator que aparece imediatamente nas discussões acerca da publicação independente, em especial entre os pequenos publicadores.

Os dados da BMA corroboram nesse sentido. Do total de entradas, 350 de 1219 (28,7%) possuem informações referente à tiragem registrada. Desses, 204 publicações, portanto 58% das 350 entradas, apresentam valores iguais ou menores que 100 impressões, o que representa o maior quantitativo dentre as publicações. Se analisarmos a tendência, isto é, o número mais recorrente dentre todos os registros, encontramos a escolha dos editores em reproduzir 100 exemplares (que é o mesmo valor, nesse caso, para a mediana). Já em casos com tiragem maior, entre 100 e 500 edições, encontramos 70 entradas (20%). À medida que se aumentou o parâmetro da tiragem, menor é a quantidade de publicações encontradas na base. A tiragem entre os publicadores independentes é, na metáfora proposta por Gilles Colleu (2007, p. 52) um lance de um jogo de poker, em que o micro ou pequeno publicador joga “para ver”, o que é avaliado tendo em vista que “a primeira tiragem é reduzida ao máximo para monopolizar o mínimo possível o capital pelos custos de fabricação, e simultaneamente multiplicam-se as tentativas”. Ademais a tiragem reduzida também tem impacto na experimentação gráfica, conforme a historiografia do design do livro tem mostrado. Gilles Colleu (2007, p. 70), mais uma vez, explora essa dimensão de cuidado próprio da publicação independente de tiragem reduzida, isto é, “os esforços,

a atenção dada aos mínimos detalhes, serão, por vezes, mais importantes do que nas editoras maiores, nas quais a produção do objeto livro faz parte de um processo continuamente renovado”.

O Quadro 2, a seguir, apresenta esses resultados:

Quadro 2 – Sistematização das publicações com informação sobre tiragem e seus quantitativos na “Coleção Feira Miolo(s)” (BMA)



Fonte: desenvolvido pelo autor

5 CONSIDERAÇÕES: DOS METADADOS AO DESIGN DO LIVRO

Como síntese, uma questão: o que acrescenta, em trabalhos tão interessados nas questões relacionadas à cultura material, à tangibilidade das publicações, os metadados informatizados presentes nos bancos de dados da BMA? Aqui apoiamos, mais uma vez, no trabalho de Michel Melot (2019), resguardados pela curiosidade e pela atenção dos bibliotecários em relação às publicações da Coleção Feira Miolo(s). A “sabedoria dos bibliotecários” é antes uma pretensão utópica de reunir o maior número de dados possíveis sobre tudo. No prefácio de *A biblioteca à noite*, Alberto Manguel (2006, p. 11-12) – que é um bibliotecário – relata que,

com espantoso otimismo, continuamos reunindo todo fiapo de informação que conseguimos recolher em rolos, livros e circuitos eletrônicos, enchendo prateleiras e prateleiras de bibliotecas, pouco importa se materiais, virtuais, ou de outro tipo qualquer, dedicando-nos pateticamente a conferir ao mundo uma aparência de sentido e ordem, mesmo sabendo muito bem que, por mais que prefiramos acreditar no contrário, possuímos e estamos tristemente condenados ao fracasso.

A constatação do autor é um elogio à pretensão profissional de “ordenar o mundo”. Por meio do olhar de bibliotecários, é possível compreender – sob a lente do design – alguns parâmetros fundamentais que alicerçam nossa análise sobre o design em publicações independentes. A análise do acervo, a partir dos dados expressos no registro das obras, mostrou-se uma importante ferramenta para conhecer materialmente (e quantitativamente) o objeto de análise. Isso ocorre sem que se fosse preciso analisar individualmente cada uma das publicações, ou seja, é possível explorar a dimensão material de um acervo, mesmo antes que o pesquisador sequer tenha acesso às obras em mãos. Recuperando uma expressão de Alberto Manguel, Michel Melot (2019) explora o bibliotecário como um “organizador do universo”, tendo as bibliotecas como um microcosmos que modela o mundo em metadados. Cabe, assim, a metáfora de um quebra-cabeça desorganizado, pois o trabalho de compreender uma biblioteca por planilhas é árduo, e demanda aprender a juntar peça com peça, percebendo, entre as células, suas conexões. Ajuda, decerto, pensar como pensam os bibliotecários, esses profissionais que são – tal como também são os designers – muitas vezes invisibilizados na laboro editorial.

A análise dos metadados da BMA provou ser rica não somente em relação aos aspectos editoriais e de circulação dessas publicações, mas, também, face às questões de sua materialidade. Essa proposição está alinhada à bibliometria descritiva, que é uma área de estudo que se concentra na análise física e detalhada de livros e outras publicações. Ela envolve a descrição minuciosa de aspectos gráfico-editoriais que compõem a obra. O objetivo é documentar essas características de forma sistemática e padronizada, permitindo a identificação e a comparação entre diferentes edições de uma mesma obra ou entre obras de diferentes autores. Na catalogação feita pela BMA foi possível identificar algumas dessas variáveis.

Vale também ressaltar que os procedimentos aqui destacados devem se juntar a outras proposições metodológicas. A avaliação a partir dos dados bibliométricos atuam como um “esqueleto” em uma empreitada mais longa, sem que se abra mão da

fundamental avaliação dos impressos *in loco* e do debate, atravessado pelos campos das ciências sociais, que são a “carne e sangue” da pesquisa¹. Em síntese, compreende-se que a oportunidade de antecipar, de modo quantitativo e exploratório, o que se espera na tangibilidade do objeto é um poderoso aliado ao pesquisador gráfico que pretende debruçar-se sobre o estudo de um grande conjunto de impressos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagens de artesão – Fora da Vitruína. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 maio 1955. Imagens, p. 6.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro, Brasília: Nova Fronteira, Instituto Nacional do Livro, 2008.

BARROS, Helena de. **Em busca da cor: estratégias de linguagem gráfica de rótulos cromolitográficos do Arquivo Nacional e da Biblioteca Nacional (1876-1919)**. 2018. 289 f. Tese (Doutorado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BRAND, Amy; DALY, Frank; MEYERS, Barbara. **Metadata demystified: a guide for publishers**. Bethesda, EUA, e Hanover, EUA: NISO Press ; Sheridan Press, 2003.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico (versão 3.0)**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

COLLEU, Gilles. **Editores independentes: da idade da razão à ofensiva?** O editor independente de criação, um ator maior da bibliodiversidade. Rio de Janeiro: Libre – Liga Brasileira de Editoras, 2007.

DESEMPACOTANDO MINHA BIBLIOTECA. *In*: BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (, v. Obras Escolhidas). v. 2.

FERRARI, Mélodi. **As feiras de arte impressa no Brasil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-22052023-105135/>. Acesso em: 8 mar. 2024.

GRIGOLIN, Fernanda; AYERBE, Júlia (org.). **Entre, à maneira de, junto a publicadores**. Brasília: Aurora, 2016.

LIMA, Edna Lucia Oliveira da Cunha. **Cinco décadas de litografia comercial no Recife: por uma história das marcas de cigarros registradas em Pernambuco, 1875-1924**. 1998. 320 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

¹ Os resultados completos da empreitada na BMA podem ser encontrados no trabalho “Livro, o fruto da feira: materialidade e cultura da impressão entre publicadores independentes” (Martins Filho, 2024).

LIMA, Guilherme Cunha. **O gráfico amador**: as origens da moderna tipografia brasileira. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2014.

LUPTON, Ellen. **A produção de um livro independente Indie publishing**: um guia para autores, artistas e designers. São Paulo: Rosari, 2011.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca a noite**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

MARTINS FILHO, Tarcísio. **Livro, o fruto da feira**: materialidade e cultura da impressão entre publicadores independentes. 2024. Tese (Doutorado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/22799>. Acesso em: 13 ago. 2024.

MATTAR, Luciana Lischewski; BRAGA, Marcos Da Costa. Editorial independente contemporâneo: analisando o design de quatro livros paulistanos. *In*: 9º CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 2019, Belo Horizonte, Brasil. **Blucher Design Proceedings**. Belo Horizonte, Brasil: Editora Blucher, 2019. p. 99–111. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/33607>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MELOT, Michael. **A sabedoria do bibliotecário**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Ateliê Editorial, 2019.

PRADILLA, Nicolás. **Mudar as perguntas**: ritmo, escala, contexto. Rio de Janeiro, Florianópolis: Tijuana; Par(ent)esis, 2021. Disponível em: <https://www.leituraetraducao.com.br/>. Acesso em: 27 set. 2022.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

TWYMAN, Michael. The long-term significance of printed ephemera. **RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage**, Chicago, EUA, v. 9, n. 1, p. 19–57, 2008.

Contribuição de autoria

1 – Tarcísio Bezerra Martins Filho

Doutor, Universidade Federal do Ceará

<https://orcid.org/0000-0002-5202-7024> - tarcisiobmf@ufc.br

Contribuição: Conceituação, Curadoria de dados, Obtenção de financiamento, Investigação, Administração do projeto, Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

2 – Helena de Barros Ezequiel

Doutora, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0001-7862-2801> - helenbar@esdi.uerj.br

Contribuição: Conceituação, Curadoria de dados, Obtenção de financiamento, Investigação, Escrita – revisão e edição, Supervisão.

Como citar este artigo

MARTINS FILHO, T., EZEQUIEL, H. B. O que os bits nos contam sobre a materialidade dos livros? Dados bibliométricos e análise gráfica de publicações. **Gutenberg - Revista de Produção Editorial**, v.5, e92829, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/2447115192829>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/experiencia/article/view/92829>. Acesso em: xx/xx/xx.